

TRABALHO INFANTIL

A Escola. Ficámos nela no termo da reflexão que há quinze dias fazíamos sobre o tema em epígrafe.

A Escola. Estamos todos de acordo em que deve ser ela o lugar de trabalho onde se inicia a criança no alvorecer da razão e se ocupa até ao fim da adolescência — se inicia e se ocupa em trabalho!

Sempre me impressionou mal a dicotomia: *trabalhador, estudante*. Como se o estudante não fosse, não devesse também ser um trabalhador — identidade que dignifica a sua condição.

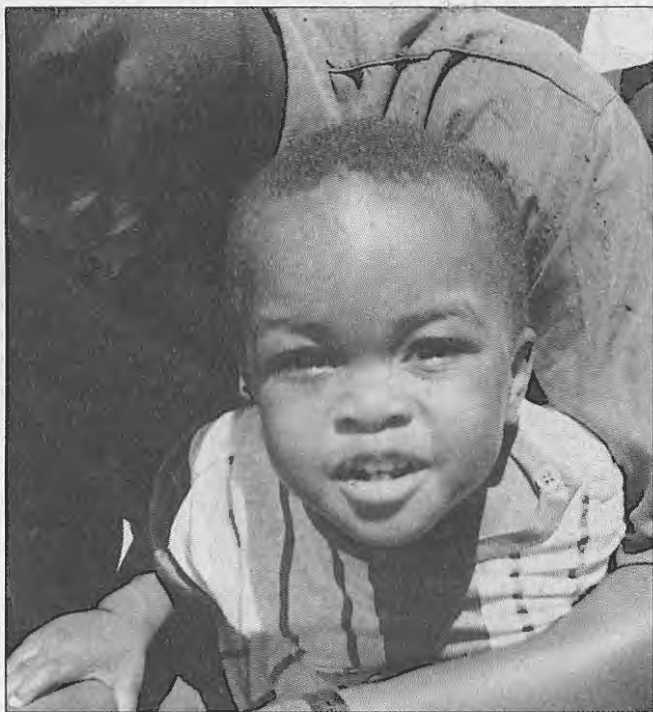
Poderia dizer-se que é esta mesmo a ideia reinante... mas só em palavras. Aquele *slogan* tempos atrás muito repetido e publicitado — «Tenho o 9.º ano. Tenho a escola toda» — far-nos-ia associar um sorriso à figura sorridente dos cartazes, se não fora o drama subjacente duma Escola irrealista que, ao fim de nove anos de actividade, produz um contingente demasiado numeroso de inabilitados para ler, escrever e contar correntemente, e para pensar. E quantos destes, sim, «com a escola toda», mas no sentido pejorativo da expressão!

E afinal a Escola já foi capaz de em quatro anos apenas alcançar aquela meta: ler, escrever e contar correntemente; e mesmo algum conhecimento sobre a vida e o mundo — a natureza, a geografia, a história; e semear desejo de saber mais e melhor. Então porquê esta regressão, este dispêndio de mais cinco anos — para lançar no mundo do trabalho, impreparados, até no gosto e hábito de trabalhar, aqueles que por aí ficarem?!

Escolaridade obrigatória de nove anos — muito bem! Mas depois do primeiro ciclo, em que se aprenderia o fundamental para continuar a aprender, uma Escola pluralista, que multiplicasse as respostas adequadas às capacidades diversas encontradas na população escolar. E para alguns, seriam mesmo Escolas no trabalho e pelo trabalho, em que, excluído o interesse lucrativo imediato, ele estaria, todavia, presente na intenção do próximo futuro, como o bom-senso dita.

Assim se furtaria ao malsinado trabalho infantil muitos dos que nele caem, tendo em vista, repito, uma preparação realista para trabalho que os espera e será condição da sua independência e assunção dos seus direitos de cidadania!

Continua na página 3



MOÇAMBIQUE

A semente desabrocha

HOJE, dia da Ascensão, S. Mateus introduz a despedida aos discípulos com estas palavras de Jesus: «Todo o poder Me foi dado no Céu e na Terra». E, na sequência, afirma: «Ide, portanto, e fazei discípulos em todas as nações». E não há dúvida que foi em nome do Senhor, com palavras que encerram todo o conteúdo de poder, que os discípulos falavam e operavam milagres.

S. Pedro, questionado pelo Sinédrio, respondeu que importava mais obedecer a Deus do que aos homens. Parece claro que o poder de Jesus não é sobre o poder instituído, nem tão pouco sobre todos os que podem ou julgam. Os discípulos não foram, em nenhum momento, mais do que o Mestre e Este não discutiu a autoridade de Pilatos. Este poder é inerente às próprias palavras: «Ide, portanto, Eu estarei convosco». Onde quer que Ele seja anunciado, a palavra e o gesto de Jesus tem poder intrínseco para despertar a fé.

Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

A essência do verdadeiro acto de educar

ONTEM, sábado, levantámo-nos mais cedo do que é habitual e demos mais um avanço em nossas obras. Agora, na sala de jantar: acabámos de encher a laje.

«Martelo», chefe do Lar dos Estudantes em Coimbra, é também o chefe de serviço à comunidade dos 100 rapazes, neste fim-de-semana. Empregado numa oficina de reparação-auto, em Coimbra, ajuda outros na distribuição das obrigações para que tudo funcione bem. Ele mesmo irá ao hipermercado Continente pelas sobras que connosco repartem. Depois, Casimiro, aprendiz de pedreiro, à betoneira, coadjuvado pelo Paulo Sérgio; este, aprendiz de

electricista. À corda, dois estudantes: Frederico e Jorge Guedes. Nos andaimes: Rui Pinto, «Caninja», Paulo Coelho e Gonçalo.

Equipa feita, baldes acima e baldes abaixo. Tudo a dar certo e sem atropelos. Geralmente, o sábado é dia reservado para certos trabalhos que exigem mais esforço e jeito. Estão os estudantes e rapazes empregados, regra geral os mais velhos, para o desempenho destas tarefas: construção, agricultura, drenagem dos lameiros, limpeza das barreiras do rio, jardinagem, limpezas gerais.

E ainda sobra tempo para as armadilhas aos *bic-lakes* ou para «namorar» o último

ninho escondido nos canaviais da terra dos grilos. Casa bem o dever e o lazer, enchendo o coração de segurança e ternura... Claro que os mais velhos gastam as últimas energias no campo de futebol.

É um quadro vivo! Nós, envolvidos nessa tela, com razão e coração; numa experiência indizível de sofrimento e de alegria, nem sempre fácil de comunicar ou perceptível a quem está de fora, olhando. Tocamos, aqui, a essência do verdadeiro acto de educar, numa Casa como a nossa: a comunhão de vida — a família.

Padre João



Moinho parado onde viveram cinco famílias numerosas, agora habitado só por três delas.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Visita guiada

DE manhã partimos de casa e, já longe, visitámos uma habitação em acabamentos. A mãe cedeu o terreno, no quintal, e a filha e autoridades da terra chegaram a acordo na construção. A juventude da Vila tomou a iniciativa e as obras à sua conta. Fica uma construção muito digna. A mãe inválida e os três filhos merecem aquele mimo. Esta Vila, considerada rica, tem seus *guettos* de miséria. Que a juventude não cruze os braços enquanto souber que há deles caídos. «Cada freguesia cuide de seus Pobres!»

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

SINISTRADOS — Aquele indivíduo que espera, há anos, por indemnização, agora já vê a luz no fundo do túnel!

A sociedade em que vivemos, nem sempre reconhece que «as pessoas não são máquinas». O sinistrado cilindrado no acidente, é-o também nos articulados da lei!

Por isso, ao legislador sugerimos, talvez, uma *utopia*: atestada clinicamente a incapacidade do sinistrado, haveria disposições para começar logo a receber parte da indemnização — em duodécimos — com fiscalização adequada.

Na discreta acção vicentina, ao longo da vida temos suprido lareiras de trabalhadores nestas circunstâncias, sofrendo — e muito — desumanos *hiatos* jurídicos.

No caso vertente, a sua própria renda de casa há tempo que estava a cargo dos nossos Leitores...

Despachada a sentença, às vezes recebem de indemnização uma pequena fortuna; e, naturalmente, nem sempre têm folgo para gerir milhões: alguns, iludidos pelo consumismo, *fecham* olhos e ouvidos... num esbanjar impressionante e rapidamente voltam à estaca zero!

PARTILHA — Um cheque da assinante 14802, de Rana (Parede), para «duas assinaturas d'O GAIATO, sendo o resto para dividir pelos Pobres mais necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É pouco, mas junto a outros, ajudará alguma coisa».

Outro cheque, agora da viúva do assinante 14493, Rua da Boavista — Porto: «Que Deus vos guie e ampare sempre, para que seja menos difícil tudo o que fazeis pelos Outros. Envio a minha contribuição relativa ao mês de Maio para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». A prece inicial mexe com a nossa sensibilidade. Obrigado.

Senhora da Hora: quinze mil, da assinante 57002, «pequeno contributo de Maio que poderão distribuir como melhor entenderem». Liberdade de acção. Acrescenta: «Infelizmente é bem pouco para tanta necessidade, mas dado com muito carinho e amizade». Cumprimos o voto formulado.

Mais cinco mil, da assinante 10458, Rua Soares dos Reis, Vila Nova de Gaia.

Mais «a pequenina lembrança» (dez mil) da assinante 26152, Rua Alto de Vila — Porto, que, afirma, «gostaria fosse para um caso urgente, por alma da minha querida mãe. Deus vos ajude por todo o bem que fazem e Pai Américo interceda junto de Deus por mim, para que tenha muita coragem para enfrentar a vida conforme ela é». Isso basta!

Assinante 31104, de Lisboa: «Remeto cheque para ser distribuído até onde chegue. Esta minha oferta sirva de lenitivo aos seus destinatários. Para mim é a melhor oração que posso dirigir a Deus que conhece as minhas aflições e intenções».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO



Benguela: um pequenino grupo recolhe ginguba — «como quem brinca».

PAÇO DE SOUSA

ESCOLAS — Estamos a chegar ao fim do ano escolar. Só falta um mês e pouco. Os rapazes estão desejosos de passarem de classe. Agora é que se vai ver quem estuda e quem não, para ir à praia...

Esperamos que passem todos, para amanhã serem alguém na vida.

OBRAS — Agora os tro-lhas começaram a caiação e a pintura da casa dois de cima. As habitações da nossa Aldeia são reparadas periodicamente.

MOÇAMBIQUE — Preparamos mais um contentor que levará produtos alimentares, e outras coisas mais, para a nossa Casa do Gaiato de Moçambique.

A mercadoria leva o selo da nossa amizade para todos.

SERRALHARIA — O Júlio, o Tavares e o «Chouriço» constroem um forno para a nossa Casa do Gaiato de Moçambique.

Seguirá para Maputo no próximo contentor.

MOTOQUEIROS — Estiveram cá, de visita, uns bons rapazes, motoqueiros de Espinho. Levaram alguns dos nossos companheiros nas motos. E ficaram muito contentes.

Obrigado pela vossa amizade.

VACARIA — Está uma categoria! Ficámos contentes por saber que o nosso leite é dos melhores do concelho de Penafiel!

EXCURSÃO — Mantendo a tradição, a paróquia de Vera Cruz — Aveiro esteve connosco no domingo 26 de Maio.

Para além da amizade de sempre, espalharam muito carinho pelos mais pequeninos — os «Batatinhas».

Obrigado. Até ao próximo ano, se Deus quiser.

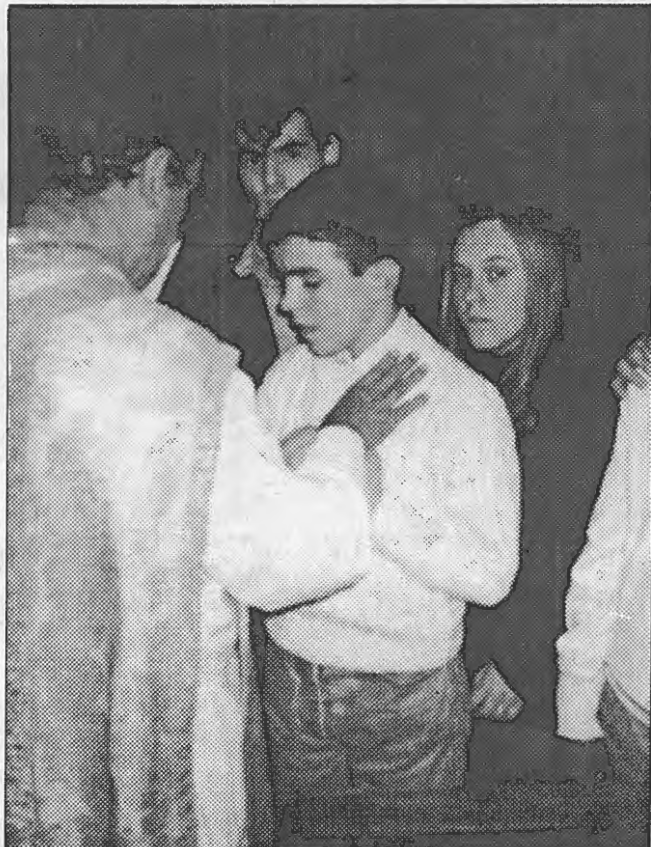
Sérgio Paulo Pessoa Nunes

FUTEBOL — No dia 12 de Maio defrontámos uma equipa de Espinho. Um jogo bem disputado com ambas as equipas procurando a vitória.

Vencemos por 5-2.

Estamos à espera doutros grupos... E para uma possível marcação de jogos contactem o Mauro, por carta ou pelo telefone.

Mauro Nunes



Só agora conseguimos uma foto (com o «Tatarro») da cerimónia pas-sal do Baptismo, na Capela da Casa do Gaiato em Paço de Sousa.

BENGUELA

PADRE KALEMBA — Tivemos a visita do Padre Kalembe. Chegou por via terrestre, de camião. Foi bom. Mostra, um pouco, a possibilidade de circulação de pessoas e bens pelas estradas do interior.

Vieram tentar reunir materiais e géneros que não há em Malanje. Também levaram cabritos para criação. Não puderam carregar leitões, por causa da peste suína.

TERESA — Aproveitou e foi visitar a Casa do Gaiato de Malanje, que ainda não conhecia. A vontade era bastante e o desejo também.

Ficará, por lá, cerca de três semanas, ou mais. Claro, fará falta. Ou melhor, está a fazer falta. Ninguém consegue substituir o papel único de mãe, amiga, enfermeira e tudo o mais que provém do afecto e dedicação feminina.

Mas não paramos... A parte que lhe pertence ficou entregue às meninas Maria dos Anjos, Emiliania e Bebiania; a mim, os cuidados na enfermaria e seus «clientes»..., que têm tido muita febre e é um entra-e-sai impressionante! Persiste o residente paludismo.

Agora, admiro mais a paciência e o carinho necessário que ela transmite. Não é só um mero distribuir comprimidos que cura. Há algo mais que cura — lá no fundo do coração de cada um.

PALUDISMO — Neste ambiente vêm-me ao pensamento todas as crianças que sofrem desta doença vulgar, que não sendo atacada na hora precisa, é fatal. Poderíamos dizer que é negligência das mães. Não lhes dão muita atenção... Mas podemos dizer também que, mesmo levando a criança ao hospital, continuará sem assistência por falta de medicamentos! Graças a Deus, os nossos têm esse dom.

Carlos Roda

PRAIA — Vamos todos os domingos à praia, menos os doentes e os que têm faxinas na cozinha, na copa, e os pastores. Nem todos, às vezes, gostam de ir. Mas como somos uma família, onde ela estiver, devemos estar todos.

A praia mais desejada é a Caotinha porque tem rochas grandes e pelas rochas encontram-se caranguejos. Há pranchas, pequenas e grandes, para saltarmos à água. Os nossos «Batatinhas» são muito atrevidos e até gostam... da prancha grande! É admirável vê-los ir até ao fundo do mar com água

muito limpa e fresca naquele lugar. Noutra dia ficámos aflitos porque um dos mais pequenos quis ser atrevido...

Outra actividade à beira-mar: a pesca. Temos o problema dos anzóis, e o nosso Padre Manuel já os prometeu. Mas ainda não os tem para dar a todos.

FÉRIAS — Estamos em férias de duas semanas. Vamos ter outras actividades, todos os dias. Trabalho de campo e outros serviços.

VACAS — As vacas leiteiras estão cada vez mais fortes porque não lhes falta capim. Vão demorar ainda muito tempo a dar-nos leite.

Agostinho

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

CONVÍVIO EM PAÇO DE SOUSA — A nossa Associação realiza o habitual Convívio no dia 21 de Julho, em Paço de Sousa, cujo encontro servirá, principalmente, para se comemorar os 40 anos da partida de Pai Américo para o Céu.

Lembraremos, ainda, os Amigos da nossa Obra. E os Padres da Rua que deixaram os prazeres do mundo para se dedicarem inteiramente à recuperação das crianças abandonadas.

Procuramos estar presentes, nesse dia, em Paço de Sousa. Confraternizáreis com todos os companheiros, inclusivé lembrando a vida que aí passámos e jamais esquece.

MUITO IMPORTANTE — Há anos, já, que a Casa do Gaiato oferecia o almoço. Mas, este ano, será diferente, pois era demasiado o trabalho para cozinheiros e ajudantes.

Deverás trazer o teu farnel para o almoço, copos e toalha. Traz ainda um bolo para os «Batatinhas». O vinho será da Casa.

Não esqueças de pôr as quotas em dia!

PROGRAMA — 9,30 h, Concentração à entrada da Nossa Aldeia. 10 h, Provas de atletismo. 11,30 h, Deposição dum ramo de flores na campa de Pai Américo. 12 h, Celebração da Eucaristia.

Fernando Marques

MOÇAMBIQUE

CASA NOVA — Na casa nova a vida tem mudado muito. Sentimo-nos felizes e procuramos cuidar bem das nossas instalações, sabendo que tudo custou muito dinheiro. Participamos em quase todos os trabalhos. Agradecemos a quem ajudou para que tivéssemos uma casa em boas condições.

MALÁRIA — Em nossa Casa já fizeram mais de 10.000 análises, quase todas positivas!

Os tratamentos nem sempre são fáceis, pois, às vezes, as estruturas de Saúde dificultam, mas vamos fazendo o que está ao nosso alcance.

BENGUUELA

Antes e depois

sempre o homem em primeiro lugar

HOJE é domingo. Por sinal, dia de significado muito rico, por ser Domingo de Pentecostes. É um convite a peregrinar até às origens, à criação nova, em que o Espírito Santo e o homem são actores. Porém, a força criadora de gente nova, o Espírito, só actua na medida em que é acolhida pela criatura.

No princípio era o caos. E o Espírito de Deus pairava sobre o caos, a presidir à ordem nova em gestação. É Ele que preside não como elemento passivo, mero assistente, mas como Fonte de energia transformadora. Até que chega o homem com as condições preparadas para ser feliz. Era tudo muito bom!

Um corpo estranho logra entrar na fortaleza do homem, entretanto. É o pecado. E entra pela porta nobre — a liberdade. E o caos instala-se, de novo, com todo o seu cortejo de miséria, com muitos nomes.

O remédio é uma nova criação. Se o homem for recriado tudo estará a salvo. Esta é a obra do Espírito Santo, força que gera

para uma vida nova. É um processo muito complexo, sabemos-lo pela experiência, mas não há outro caminho. É no homem reconstruído à «imagem e semelhança de Deus»; no homem cheio de Amor e duma paixão muito grande pela justiça; no homem solidário com os Outros que se faz a reconstrução dum povo, duma nação.

A imensa Angola...!

É uma linguagem aparentemente muito teórica; mas, ai de nós, se não temos ideias-força que nos puxem para a frente e inspirem a nossa acção! Tenho, diante de mim, esta Angola imensa, conhecida de muitos dos Leitores. Esfarrapada, com profundas rupturas sociais, dividida. Por onde começar? É o homem de Angola que tem de ser reconstruído e, com ele, as estruturas.

Fico triste e desapontado quando oiço pessoas responsáveis, a todos os níveis, afirmar que a condição primeira para o desenvolvimento é o dinheiro. Sempre o dinheiro, em primeiro lugar! Não será o homem, contudo, o primeiro capital a amealhar, pondo-se em acção com o muito ou pouco que é e tem? Sempre o homem, em primeiro

lugar, antes e depois. De contrário, o dinheiro chega e desaparece como a água na areia. Há, pois, que refazer o homem.

Tantos sinais de vida para viver na Esperança!

Ele há tantos sinais de vida, felizmente! Há razão, pois, para viver na Esperança.

Vou começar pelo nosso pequeno mundo. No geral, vejo um interesse muito grande pelo estudo. Que alegria, quando chegam da Escola com as provas para ver e notas muito boas! Eles sabem um pouquinho como está Angola. Fizem a sua experiência. Por isso acreditam quando lhes falo e incentivo. Nem tudo é um mar de rosas, mas deixai-me falar das alegrias que é muito mais saudável.

Vejo algumas Organizações (ONG's) a trabalhar em projectos comunitários com a participação quase exclusiva dos interessados. Elas ajudam, apenas. É gente preparada e sacrificada, também. É o caminho certo. São gotas de água, entretanto, num deserto imenso. Não importa. É o bem que se faz e há vontade de fazer bem. Porque se trata dum bem comunitário, ganha outro valor. O

homem solidário que morreu na guerra, está na mira destes projectos. E só vão para a frente os programas que são acompanhados de perto, no terreno, com doadores e beneficiários de mãos dadas. Gente que vem, deixa e vai, perde tempo e gasta em vão.

Uma boa notícia

Fiquei contente com a notícia veiculada pela televisão de que um grupo de empresários ia meter mãos à obra de reconstrução dum troço importante duma estrada — com a ajuda de mão d'obra local. Todos colaboraram para o mesmo fim, cada um com o que pode. É um sinal positivo, no meio de muitas ruínas. O capital humano é o primeiro em qualquer empreendimento.

Escrevo estas notas para vos dar a alegria de participardes também. Apetece-me dizer que ninguém deve ficar de fora. Quem dera olhássemos para o mundo como *um só!* Quem dera fosse um projecto comum que a todos diz respeito, trabalhar para que as condições de vida sejam mais justas.

Padre Manuel António

DOCTRINA



Sem Mim, nada podeis fazer.
Do Evangelho

A qualidade mai-la intensidade dos trabalhos a que me devoto, em virtude da sua natureza, pedem o concurso de todos quantos deles tomam conhecimento. Os donativos têm sido sem medida, sim; mas eu quero mais e melhor: as orações de quem me lê. O êxito é de tal forma tentador que muito bem nos pode conduzir ao desvanecimento, tornando-se no mundo agente de vaidade quem pretende passar por instrumento de Deus. Oh, reza por mim se verdadeiramente és amigo da Obra da Rua! Os primeiros Apóstolos elegeram alguns diáconos para a distribuição de esmolas enquanto eles se dedicavam à oração. Hoje, pela força das circunstâncias, mudaram as coisas, que não a regra. Reza tu enquanto eu distribuo as esmolas; e assim fazemos obra à maneira dos Apóstolos. Dentro da tua porta, sem risco de tentações, podes ser um apóstolo.

EU tenho tanto medo de cair das alturas; tanta necessidade de compreender bem a observação do Mestre a Marta, em casa dos amigos de Betânia — *unum est necessarium*; tanto desejo de caminhar sempre de joelhos e mãos postas, muito embora te pareça que o faço como a mais gente — tanto! Reza, sim, enquanto eu trabalho. É absolutamente necessário que se perca o hábito de chamar Obra do Padre Américo a uma Obra que é toda e somente de Deus. O tempo que tudo desgasta, nem sequer beliscou ainda a Obra da Rua, moça, hoje como no dia em que nasceu — porque Obra de Deus.

SÉ inteligente; lê dentro das coisas. Desde que o *Pão dos Pobres* tem entrado em forma de livro nas lareiras de Portugal, tem sido um constante chover de cartas com letras a sangrar, proclamando alto que a Obra é de Deus. A última, era de uma das grandes avenidas de Lisboa, primeiro andar e trazia notas do Banco, cobertas com três iniciais num fervoroso «Aí vai, Padre, por amor de Deus!» Este «por amor de Deus» não é uma interjeição; é antes um coração ferido no livro *Pão dos Pobres* que, se algum valor tem, é o de haver sido ditado por eles mesmos.

Padre Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Continuação da página 1

deficiente como os seus ocupantes e construtores. Que incapacidade!

Novamente a caminho para nos alegrarmos com uma casa nova. Da barraca onde sempre viveram, passaram para residência digna que o grupo sócio-caritativo da paróquia procurou oferecer-lhes. Este grupo tem encontrado muitas situações dramáticas na Vila. Alguns problemas sem solução à vista. Mas não tem desanimado. Não pode desanimar!

Mais uma corrida para visitar a transformação dum casebre em residência familiar, embora continue a ser pobre como o viver da família que o ocupa.

Depois do almoço encontrámo-nos com o presidente da Conferência Vicentina daquela grande freguesia, que tinha pedido a nossa colaboração. A habitação dos Pobres é trabalho vicentino. Em muitas terras, vicentinos e vicentinas têm feito maravilhas. Quantos bairros e quantas moradias construídas por Portugal além!

Começámos a nossa visita por um antigo moinho, há muito parado, onde

Património dos Pobres

viveram cinco famílias com numerosos filhos; e, agora, ainda aí residem três delas. Aquela hora de trabalho para todos os habitantes da aldeia, encontramos três homens novos que ali moram, sem qualquer ocupação. Um, estendido em carro velho; outro, de calções e descalço em cima duma bicicleta; e o outro, também descalço e em calções, passeando na ruela de acesso. Triste quadro humano!

Dali avistámos um bairro degradado, terrenos camarários livres, e seguimos para outra localidade onde uma mãe, há muito tempo, procura terreno. A Câmara Municipal tem muitos, em poiso, mas... não doa nem aliena. Burocracia, ou não sabemos bem o que é!... Ela, separada do marido, com as

três filhas pequenas, vivem num curral abandonado que os ascendentes já não ocupavam. Procurámos o pai que disse só ter para todos os filhos aquela velha casa que herdou. Recebeu-nos a filha que frequenta as aulas do Ciclo, cujo acolhimento, delicadeza e educação nos encantou.

Partimos. Perto, visitámos uma casa nova que o chefe de família, pedreiro habilidoso, construiu no quintal da mãe. Construção airosa, mas só com três divisões muito pequeninas e sem casa de banho. Deixámos recado da nossa ajuda para a fazer — se quiser.

Seguimos para outra terra. Uma pobre mulher, também separada do marido, com três filhos menores à sua conta, ocupa parte das ruínas que herdou dos pais e que ameaçam desmoronar-se brevemente. Há movimento para ajuda, mas continua tudo parado!

Chegámos ao fim do dia com o coração dorido por tantas situações de miséria às quais não somos capazes de dar resposta, embora nos pareça que seria fácil — se os que podem dessem as mãos.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

Três acontecimentos

HÁ dias, o Marco teve visita da mãe. Entre outras coisas, deixou-lhe umas notas que ele depois me veio entregar: quatro mil escudos. — *É melhor o senhor Padre guardar porque a tentação é forte*, disse. Claro que é! Mas vencê-la é próprio dos homens que se vão fazendo!

Depois deste caso, o Nuno dirigiu-se à minha mesa, em hora de almoço, a entregar o prémio que recebera da professora por ter feito bem os trabalhos escolares: quatro moedas de cinco escudos. O Nuno que o ano passado deixara professores e colegas envergonhados numa visita de estudo...

Também o Samuel, um dos mais pequenos, ao fim da tarde de um domingo vem ter comigo estendendo a mão com uma moeda de cem escudos: — *Foi uma senhora que m'a deu!*

Três acontecimentos que mostram a perfeição do ser criança e jovem em crescimento feliz, fazendo-nos felizes.

É certo que outros nossos não fazem assim. Desviam maliciosamente quantias que lhes passam pelas mãos, doadas aos pobres que eles não são. E passam por sé-lo. Têm o espírito do mundo, de rico, e ainda não descobriram — como o Nuno, Marco e Samuel — a riqueza de

ser pobre. Espero e desejo que também para esses chegue a hora da alegria, da libertação. Pois se todos estão irmanados na mesma condição.

O certo é que uns vão tendo razões para escolher a verdade, enquanto outros não acreditam e alinham pela mentira.

A construção do homem não se faz com projectos mas com o tempo

A construção do homem não se faz com projectos. Faz-se com o tempo. A hora em que arranca decididamente a obra, não a escolhemos. É preciso dar tempo para que nele a hora aconteça.

Temos, isso sim, de preparar o terreno da vida; adubando-o abundantemente com amor em cada dia.

Mas o principal é a raiz em que o rapaz está a crescer. E esta está tão funda que não nos é acessível. O tal adubo é que poderá alterar os caminhos por onde ela se estende. Não adianta projectar porque não a vemos. Mas os frutos, sim. E estes dão a esperança e a confirmação de que só vale a pena ter amor ao amor.

Este é a raiz de todos os bens.

Padre Júlio